



**DE UM APRENDIZ PARA UM HISTORIADOR:
COMENTÁRIOS SOBRE “UM HISTORIADOR FALA DE
TEORIA E METODOLOGIA: ENSAIOS” DE CIRO
FLAMARION CARDOSO**

Christian Alves Martins*

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

christian.martins@uol.com.br

Nesta instigante coletânea de ensaios, Ciro Flamarion Cardoso, partindo de uma dupla perspectiva, tece uma rede de reflexões oportunas e atuais. A primeira, em forma de polêmica, ligada à primazia do paradigma – tanto na perspectiva marxista quanto integrada pelos Annales – contra um pensamento centrado na união, dentro da História, do positivismo e historicismo. A segunda diz respeito ao debate sobre as tendências pós-modernas, o neoconservadorismo e a Nova História Cultura. Dessa maneira, o pesquisador Ciro Flamarion Cardoso elabora seu livro *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*.¹

Sua obra consiste em um conjunto de ensaios – construídos em mais de quarenta anos de ingente labor – envolvendo impressões de um pesquisador que vivenciou o que Roger Chartier² chamou de “a crise da inteligibilidade histórica”.³

* Mestrando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia e integrante do NEHAC – Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura.

¹ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005. As demais notas referentes à obra serão incorporadas ao corpo do texto.

² CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 7.

³ Chartier trata deste assunto, logo nas primeiras linhas de sua obra *À Beira da Falésia*. O sugestivo título já insinua metaforicamente, os caminhos imprecisos percorridos pelos profissionais da história atual. Ora, marchar sobre rochas altas e íngremes, à beira-mar, demonstra expressar, simbolicamente, a dúvida, acompanhado do temor que toma conta das operações historiográficas. Como, após o entusiasmo da Nova História, sobreveio um período de insegurança, Chartier, percebe que estas incertezas e inquietudes, enunciadas no título de sua obra, advêm do abandono dos objetos clássicos, da crítica as categorias, das noções e dos modelos de interpretação, como o estruturalismo e o marxismo, chão outrora seguro, pertencente à historiografia triunfante. Ainda, segundo ele: “Todas as grandes tradições historiográficas perderam sua unidade, todas se fragmentaram em propostas diversas,

Cardoso compreende muito bem do que Chartier nos fala, seja pelo seu longo tempo dedicado ao ofício de historiador, testemunha ocular de inúmeras escolas e tendências teóricas e metodológicas, seja pelo espaço vivido quando trabalhou na Universidade Federal do Rio de Janeiro e no prosseguimento de sua carreira na Universidade Federal Fluminense. Durante sua vida acadêmica, Cardoso doutorou-se, na Europa, pela Université de Paris X (Nanterre). Mais tarde, atravessou o Atlântico novamente, visitou o continente americano, pesquisando na Costa Rica e no México, e regressou ao Brasil, onde permanece até hoje.

Tempo e espaço. Talvez não fosse por acaso, que Ciro Flamarion Cardoso inicia a progressão de seus ensaios com o texto “Dimensões: Tempo e Espaço”. Este título dá-nos a impressão de que o próprio autor adverte os leitores, como se estas não fossem só suas preocupações pessoais de trabalho, mas questões importantes para a própria criatura humana.

É provável que a noção de espaço, esclarece lucidamente o autor, tenha sido percebida pelos seres humanos antes do tempo, contudo, sua relação com o espaço é evidente, mesmo em situações corriqueiras, quando predicamos o tempo através de um vocabulário espacial, como longo ou curto.

Digno de nota é o que ele denomina como *Aceleração Histórica* como sendo os corolários do aprimoramento dos meios de comunicação, na segunda metade do século XX, que impulsionaram nosso contato com eventos, praticamente, simultâneos ao seu acontecimento. Corroboramos seu ponto de vista, pois este frenético torvelinho de informações, a que estamos submetidos, embaraça-nos e dificulta a nossa percepção.

O autor prossegue, refletindo acerca da temporalidade histórica. Para tanto, serve-se do trabalho de Marc Augé, ao apropriar-se do conceito de Supermodernidade. Sua intenção é entender, com o auxílio deste antropólogo, sobre o desnorteamento – fruto de uma busca incessante por respostas – que esta progressão incessante de eventos provoca na humanidade.

Para os historiadores, essa nova realidade poderá representar na história do presente, um interesse sedutor, mas, ao mesmo tempo, desafiante para os pesquisadores.

Não obstante o que parece coerente é que, em torno dos acontecimentos, ou seja, o olhar sobre a curta duração não poderá estar desassociada do processo histórico.

Cardoso, fundamentado em Pierre Nora, escreve que:

O historiador que se ocupa com a História imediata teria interesse em investir, pelo contrário, no acontecimento, utilizando-o como meio para, por seu intermédio, conscientemente, fazer surgir o passado, o espessor histórico, as estruturas, em lugar de, como era habitual no trabalho dos historiadores, fazer inconscientemente surgir o presente no passado (ou seja, projetar o presente no passado). Em outras palavras, os acontecimentos permitiriam evidenciar o sistema, a curta duração revelaria a longa duração estrutural. (p. 16)

Isto nos parece claro e com o que acordamos, pois se trata da importância de entender na *Aceleração Histórica* – um fato na vida moderna – uma oportunidade valiosa para tentar compreender, no presente, o desencadeamento de embates, como disputas de poder, ocorridas no passado.

Esta questão parece ficar mais lúcida, quando Cardoso propõe refletir sobre a memória. Para tanto, o consagrado historiador se sustenta nos trabalhos do já citado Pierre Nora ao distinguir a relação entre História e Memória Coletiva. O diálogo entre o autor e Nora nos remete aos trabalhos de Maurice Halbwachs, que também compartilha da idéia de que a história é distinta do “rememorar coletivo”. Em *A Memória coletiva*, Halbwachs diz:

A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Mas lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras que não se impunham aos círculos de homens que deles guardaram por muito tempo a lembrança viva.⁴

Lido o trecho do autor francês, fica evidente a distinção entre História e a construção da memória coletiva, que coaduna com as palavras de Ciro Flamarion Cardoso ao escrever que:

A História que fazem os historiadores é qualitativamente diferente, pelo menos em muitos casos, tanto em seu conteúdo quanto em suas formas de construção, das memórias coletivas dominantes, oficiais, que o poder constrói; na verdade, com frequência se ocupa com a desmistificação destas últimas. (p. 35)

A disputa de memória, a que o professor alude no trecho acima, ilustra e esclarece a responsabilidade social do historiador e seu ofício. Mas, sobretudo, é

⁴ HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2004, p. 80.

necessário afirmar perante as transformações no espaço e no tempo, o pesquisador da história, nunca poderá deixar de pensar seu objeto histórico desligado de sua contemporaneidade.

Será possível desassociar forma e conteúdo?

Dando prosseguimento aos nossos comentários, vejamos o capítulo “Epistemologia em Debate”. Nele, Ciro Flamarion Cardoso desenvolve pertinentes questões acerca da epistemologia do anti-realismo. Nesta parte da obra, o autor se debruça sobre o instigante tema da narrativa histórica.

Em “Narrativa e Mundo Real: Continuidade ou descontinuidade?”, o autor aborda o debate conceitual que envolve a escrita da história, e, por conseguinte, todos os profissionais da História comprometidos com a produção de conhecimento.

O autor descreve este debate recordando que os historiadores tradicionais conferiam verdade às narrativas históricas, uma vez que estas estivessem sob orientação de regras de procedimento.

Lembra também que recentemente verificou-se um ataque a esta posição, partindo do pressuposto que a realidade humana não se organizaria como nas narrativas. Assim, qualquer tentame narrativo em registrar a realidade seria enganosa, a partir de sua própria constituição formal de se expressar.

Então, a História produz “textos científicos ou, meramente, textos da mesma ordem dos da literatura ficcional”? (p. 63) Esta questão está posta em todos os centros de pesquisa histórica. Ora, este debate é atual, mas não começa na era contemporânea, ou seja, ela está presente em toda a cultura filosófica ocidental. Desde a Grécia Antiga, há uma preocupação entre renomados pensadores, no intuito de compreender as relações entre o discurso histórico e discurso literário, como constatamos na *Poética*⁵ de Aristóteles.

Algumas centenas de anos depois, acompanhamos o retorno deste mesmo debate, nas proposições da Escola Metódica – empunhando o estandarte do cientificismo, representada pelos autores setecentistas Charles Langlois e Charles

⁵ ARISTÓTELES. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Seignobos⁶ – relativas à questão da narrativa, nas operações historiográficas. Porém, séculos depois, esta mesma discussão começa a ser pensada por muitos intelectuais, historiadores ou não, que percebem, neste assunto, algo fundamental para o “fazer História”.

Um deles foi o cético, porém notável, Hayden White. Este teórico muito contribuiu neste campo ao propor um enfrentamento da relação escrita/história, a partir da crença de aspectos literários dos textos históricos.

Polêmicas à parte causadas pelos textos de Hayden White, ligadas à história e ficção, mas principalmente envolvendo a neutralidade do documento histórico – e da qual discordamos – não podemos deixar de perceber a colaboração de White para o debate sobre a escrita da história. Sua contribuição torna-se patente, sobretudo, na orientação sobre o produto final do trabalho de um historiador.

Ao propor um compromisso com a inteligibilidade de um tema, através do que ele denominou em seus estudos, por urdidura de enredo, o historiador não dependeria apenas da escrita objetiva – orientação essencialmente positivista – para se fazer entendido. Para Hayden White fica claro que:



O modo como uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular.⁷

Apesar da tendência literária, indicada pelo autor do trecho acima, sobrepondo a verificabilidade histórica, mas sem perder o *status* de verossímil, não há como negar a lúcida e corajosa colaboração epistemológica de White, com o que ele chamou, como já o dissemos, de urdidura de enredo, para a historiografia atual.

Talvez compartilhando deste mesmo ceticismo, Paul Veyne⁸ também desenvolve estudos acerca da escrita histórica. É dele a famosa noção de intriga (ou trama segundo outras traduções) para denominar o tecido da história. No que tange a questão da narrativa, Veyne desenvolve lúcidas reflexões, e utiliza o recurso da metáfora para se fazer compreendido. As reflexões deste pesquisador francês nos

⁶ LANGLOIS, Charles; SEIGNOBOS, Charles. Determinação dos fatos particulares, Condições gerais da construção histórica e Exposição. In: **Introdução aos Estudos Históricos**. São Paulo: Renascença, 1946.

⁷ WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 102.

⁸ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Ed. UnB, 1998.

orientam a pensar sobre a problemática da escritura da história, relativizando sobre a questão da narrativa, aludido pelo professor Ciro Cardoso, em sua obra supramencionada.

Contudo, dentre todo o repertório teórico-metodológico que abarca esse assunto, o historiador Michel de Certeau,⁹ parece tratar desta questão de forma moderada, ao propor uma visão mais harmônica do problema. Este, através de seus estudos, oferece ao pesquisador, em concordância com seu compromisso investigativo, uma liberdade de construção do discurso histórico. Assim, o ponto de vista de Certeau nos orienta a pensar na materialidade presente na forma e inerente no trabalho humano.

E, como ele mesmo nos alerta, tanto para a criatura quanto para o criador, ambos carregam a marca de seu tempo. Por isso a importância de pensar – orientados pelo pesquisador francês – sobre as produções do lugar: afinal “De que lugar se escreve?”, desta maneira, concordamos que não existe pesquisa neutra, e tampouco pesquisadores. E a forma estará sempre presente neste processo.

Neste debate, Cardoso posiciona-se a “favor da continuidade entre a narrativa e o mundo social real”. (p. 66) Compromissado com a busca por uma história mais inteligível, sensatamente o professor explica que

A estrutura da ação (passado/presente/futuro, começo/meio/fim) é comum ao texto e à vida, à narrativa, à realidade. Quem propõe a descontinuidade, afirmando que na vida real não há começo, meio e fim, esquece não só o nascimento e a morte como, também, inúmeras formas menos definitivas de estruturas dotadas de inícios e conclusões. Por que um início não seria real, na vida, só pelo fato de que antes dele aconteceram outras coisas? Ou por que não o seria um fim, só porque depois vieram outros eventos? (p. 66)

Esta citação evidencia a profunda relação entre o conteúdo, o nosso objeto de pesquisa, e o aspecto formal, meio pelo qual o historiador opta durante a urdidura de seu trabalho para melhor se fazer compreendido.

Destarte, a obra *Um Historiador fala de Teoria e Metodologia: Ensaio*, do historiador Ciro Flamarion Cardoso, representa uma valiosa antologia, digna de pertencer como leitura obrigatória de qualquer programa de Pós-Graduação, pois contempla as mais importantes e oportunas questões teórico-metodológicas, vivenciadas pelo historiador atual. É, com certeza, uma contribuição meritória e bem-vinda para

⁹ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

jovens pesquisadores que desejam ampliar o debate acerca do trabalhoso, mas, ao mesmo tempo, sedutor ofício do “fazer História”.



www.revistafenix.pro.br